



## XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

### **A etimologia da palavra desenho (e design) na sua língua de origem e em quatro de seus provincianismos: desenho como forma de pensamento e de conhecimento<sup>1</sup>**

Luiz Geraldo Ferrari Martins <sup>2</sup>

Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Desenho Industrial da Universidade Presbiteriana Mackenzie

#### **Resumo**

A questão dos significados dos termos desenho e design, em nosso meio, já foi abordada e discutida antes. No entanto, não basta olhá-la apenas pelo crivo de uma única língua, já que as expressões e seus usos acompanharam movimentos sociais, econômicos e culturais distintos e que hoje se interpenetram. Esta compreensão deve passar pela visão de conjunto de suas significações desde a origem do vocábulo em italiano como nas dos provincianismos que mais exercem influência na nossa cultura, i. é. nas do inglês, do francês e do espanhol, bem como, nas do português, propriamente dito. Delinear o campo semântico coberto pelo termo desenho é crucial para entender o significado que este fazer assume, nas culturas mencionadas e no seu respectivo espaço inter cultural, especialmente enquanto forma de pensamento e conhecimento.

#### **Palavras-chave**

desenho; design; etimologia; pensamento; conhecimento

#### **Corpo do trabalho**

A palavra *desenho*, como sabemos, deriva da italiana *disegno*, vocábulo surgido em meados dos anos mil e quatrocentos, e que deu origem aos provincianismos usados em outras línguas tais como *dessein*, em francês, *deseño*, em espanhol, *design*, em inglês e o nosso, *desenho*. As palavras em italiano e português conservaram, basicamente, um sentido mais amplo ligado ao conceito originário, aquele que se referia não só a um procedimento, um ato de produção de uma marca, de um signo (*de-signo*), como também, e principalmente, ao pensamento, ao desígnio que essa marca projetava. Em outras línguas, como o inglês, a existência de outras expressões como *drawing* com

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Produção Editorial

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, Master of Arts pelo Royal College of Art, Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, líder do grupo de pesquisa Design de Comunicação: formas visuais de narração, interação e representação, professor da FAU e Desenho Industrial da U. P. Mackenzie.



outra raiz etimológico “especializou” o sentido de cada um dos dois termos não apenas pela sua existência arraigada nos hábitos e usos presentes no cotidiano da língua, que não se dão isoladamente, diga-se, mas pelas ligações destas práticas com as necessidades do fazer, do conjunto das atividades humanas que se encontram presentes e produtivas num determinado universo sócio-cultural.

Em outras palavras, nos países de língua inglesa, a necessidade do desenho, que se acentua com a revolução industrial, e o conseqüente desenvolvimento de práticas específicas para essa atividade também contribuirão para essa divisão pela necessidade de terminologias específicas. Esse processo acabará por influir, com a disseminação de uma prática manufatureira economicamente decisiva, para a adoção do termo, na grafia original inglesa, *design*, em muitas outras línguas.

Mas, essa distinção, em inglês, entre *drawing* e *design*, acentua, ainda outra vez, o sentido original de *disegno*, no que se refere ao ato conceitual, estruturador do pensamento visual e de sua comunicação projetiva, que a língua inglesa soube, pôde ou teve que destilar. *To draw* vem do inglês antigo *dragan*, relaciona-se ao antigo escandinavo e frígio, *draga*, ao saxão *draga* e ao antigo alto alemão, *tragan*, carregar. A palavra *drawing* é usada extensivamente, em inglês, para um grande número de conceitos e ações. Alguns dicionários trazem mais de quarenta acepções, das quais apenas um pequeno número (em média três ou quatro) tem relação direta (ou indireta) com o nosso desenhar. Grande parte destas definições estão ligadas aos gestos de arrastar e puxar, extrair, atrair para si, sugar e que de uma certa forma também caracterizam o ato de arrastar determinado material sobre uma superfície com o fito de produzir uma marca, e assim, por extensão, desenhar, *to draw*.

Tudo isso, nos induziria a pensar como que praticamente estabelecida essa distinção entre o ato físico de desenhar ligado à *to draw* e o pensamento de produzir um plano, ligado ao termo *design*, como tem sido muito freqüentemente propagado. No entanto, enquanto essa divulgação, que muitas vezes esteve ligada a um certo anseio de melhor definir a palavra *design*, amplia a diferença entre os termos, a significação dessas palavras precisa ser mais cuidadosamente considerada se quisermos compreender melhor o fenômeno que estudamos, o desenho. Relativamente há pouco tempo, com a difusão dessa prática, que hoje, não sem razão, goza de um prestígio e popularidade



cada vez maior, ocorreu uma tendência de separar os dois termos de forma quase incondicional, o que facilitava uma série de explicações, entre elas a da inexistência desse vocábulo em determinadas sociedades, especialmente as latinas, onde a prática do desenho enquanto *design* (neste novíssimo sentido, portanto) não havia tido uma ocorrência significativa.

“Acresce ainda que o desenho, como palavra, conheceu transformações reais e efetivas, dentro das condições... relações de produção”... “A palavra *design* significa entre “os povos da língua inglesa”, muito mais, projeto<sup>3</sup>. Porém, essa noção de projeto nem sempre correspondeu à totalidade – das preocupações humanísticas. *Design* permanece graças a um projeto social ligado às transformações do viver dentro da assim chamada *Revolução Industrial*... contexto para configurar a disposição de transformar as coisas, produzir industrialmente em benefício de uma parcela da sociedade européia... *Drawing* e *draft*... deveriam refletir respectivamente a interpretação da realidade e a atividade manual, o trabalho artesanal, ainda presentes no processo industrial... E, ainda, se *design* prevaleceu sobre as demais acepções, isso se deve ao tipo de projeto social que os ingleses e posteriormente os americanos procuraram conduzir” (Motta).

No entanto, nem mesmo a palavra *drawing* pode deixar de se referir, de alguma forma, a um projeto ou seja a um desígnio, a um ato de pensamento, mesmo porque essa é a natureza do ato de desenhar. Nem mesmo a experiência com macacos parece mostrar que o ato de criar marcas sobre uma superfície se dá de forma mecânica, desatenta, sem ligação com o cérebro, com a consciência, ainda que naqueles animais não tenha chegado (ainda) ao nível da representação figurativa (pelo menos aparentemente). No ser humano - em qualquer língua - sempre se deu com algum objetivo em mente. Seja um mero marcar, seja um representar, seja um determinar, o gesto revela uma intenção. Por conseguinte, as definições encontradas nos dicionários da língua inglesa não deixariam de registrar que além de uma imagem, *drawing* se refere também a um plano, “*a picture or plan made by means of lines on a surface*” (The Collins English Dictionary), que tem como sinônimo além de *sketch*, ou *outline*, também *plan* (Collins) que além de representar objetos *drawing* se refere a idéia: “*a graphic representation by lines of an object or idea*” (Webster’s), o que nos traz aqui

---

<sup>3</sup> lembrando, no entanto, que eles também tem a palavra *project* (n.do a.)

para além não só do “arrastar”, mas também da mera representação gráfica de aparências físicas do universo visível.

Ao mesmo tempo, a palavra *design*, com um campo semântico um pouco mais direcionado, mas de uso vasto, em todo tipo de expressão nas mais variadas circunstâncias, nunca deixou, por seu lado, de significar esboço, desenho, delinear, traçar, descrever (MEC), evidenciando a origem de um procedimento intelectual mais amplo e que se origina desta forma de representação gráfica, *il disegno*. Então, *design: to make drawings or plans.(...) an outline, sketch or plan* (Webster’s).

Isso não poderia deixar de ocorrer nesta e em outras línguas pelas razões explicitadas. A observação feita por Motta, por exemplo, sobre o afastamento da palavra desenho do sentido de desígnio, “notadamente nos países latinos”, embora de forma geral correta, esquece curiosamente a divisão, que também existe, em espanhol, entre *dibujo* e *deseño* que acompanha muito de perto as diferenças entre os dois significados em inglês para *drawing* e *design*. Como sabemos que a Espanha não acompanhou o desenvolvimento industrial dos países do norte da Europa naquele período, não há como notar uma certa simplificação na explicação para a existência dos dois termos em determinados países.

A verdade é que os dois de uma forma ou de outra estão imbricados, se não etimologicamente, pelo menos pelas próprias características que engendram essas atividades (e reflete uma tendência da linguagem verbal em, muitas vezes, separar o que na realidade não tem uma fronteira tão nítida).

Herdamos do espanhol, que por sua vez herdou do francês a palavra, que na duas tomou a forma *debuxo*, de onde *dibujo*, que em nossa língua permaneceu como a estranha e esquecida *debuxo*, segundo o *Houaiss*, provincianismos do francês antigo *deboissier* (século XII) *desbastar a madeira, esculpir*, formado de *de-* + *bossier*, este, de *buschier* (século XII) no germânico *buschen bater, golpear, impressionar, cunhar moeda*; vocábulo comum às três línguas ibéricas desde os séculos XIII e XIV, bem como às línguas medievais da França. Em 1724, Palomino falando da etimologia da palavra *debuxo*, cita uma passagem de Plínio: ...”en Grécia los niños nobles debian aprender ante todas las cosas la diagrafica: esto es picturam en buxo y como Dia era la

diosa de la juventud... asi de dia y buxo pudo venir la etimologia de dibuxo” (cfr. Molina).

No nosso caso, esse esquecimento parece justificável não só pela lamentável sonoridade e conotações que esta propicia, como pela existência do termo correlato e com a mesma raiz, *bosquejo*, mas, principalmente, por essa palavra ter conservado os mesmos significados que damos para desenho, sem as especificidades que individualizaram o termo hispânico correspondente. Se, de um lado, *debuxo* é um “desenho que se representa pelos seus contornos gerais” também é *obra projetada* (Caldas Aulete). Se *debuxar* é “delinear, desenhar, traçar os contornos de”, também é “representar na idéia, figurar, imaginar” ou “planear, determinar os tópicos e a disposição geral, formar o esqueleto de”. Trata-se, enfim, de um termo que pouco se diferencia do de *desenho*.

O *desenho*, ainda hoje, é muito freqüentemente e basicamente entendido como uma técnica figurativa de representação da realidade. Essa característica, que recebeu muitas vezes, ao longo da história, um sentido pejorativo por ser identificado com a *imitação*, ou por um aspecto meramente artesanal, não intelectual e mesmo pouco digno, pode ter influído na imputada equidade entre esse tipo de procedimento, do *desenho*, e o ato físico de marcar, arrastando um instrumento sobre uma superfície, como em *drawing*, enquanto que os atos de designar, idear, muitas vezes, separaram-se dele, como em *design*.

No entanto, assim, sempre, como em *design*, *diseño* irá conservar a inevitável consangüinidade: “Idea original de algo que se dibuja o proyecta para después elaborarlo” (Colmex). “Dibujo o conjunto de líneas principales de una cosa” (Santillana). Notar a semelhança com *boceto*, “dibujo o esquema con los rasgos generales de una obra artística” e *esbozo*, “dibujo o pintura esquemático, aunque sea imperfecto, que sirve de base a otro definitivo”.

Olhar as variações inter e nacionais de um conceito expressado por um termo como *desenho* é se dar conta da precariedade e do convencionalismo das palavras, que, sem pensar, acreditamos tão exatas e indistinguíveis da realidade.

Em português, segundo o Houaiss, a palavra *desenho* é registrada pela primeira vez em 1567, na obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos Memorial, *Das Proezas da Segunda Tavola Redonda* (*design* é de 1588). Para Artigas, a palavra teria aparecido no final do século XVI, quando, segundo Varnhagen, D. João III, “em carta régia dirigida aos patriotas brasileiros que lutavam contra a invasão holandesa no Recife”, assim teria se exprimido: “Para que haja forças bastantes no mar com que impedir os **desenhos** do inimigo...” indicação, portanto, da segura relação “*desenho-desígnio*: intenção, planos do inimigo”. Para Houaiss, dataria do ano de 1571 o primeiro registro de *desenhar*, encontrado na obra de Francisco de Holanda, *Da Fabrica que falece ha Cidade de Lysboa*.

Os dois termos seriam provincianismos sob influência do italiano *disegnare*, de 1282 e *disegno*, de 1444. Outras formas em português foram encontradas sob a morfologia *dessenho* e *disenho* (1595). Estas formas são provenientes do latim *designare*, designar (*designas* > tu designas, *designatum* > designado), marcar, traçar, notar, desenhar, indicar, designar, dispor, ordenar; (Houaiss), mais uma vez corroborando a superação de um pretense ato meramente físico ou imitativo.. Diga-se ainda que outras expressões latinas sob as quais se pode encontrar o significado de desenhar estão, como veremos mais adiante, as de *figura*, *scribo*, *conceptio*, *conceptionis* (Perseus).

A palavra italiana conserva até hoje esse conjunto de acepções: desenho, projeto, idéia. *Disegnare* é “*representare l’immagine di qualcosa per mezzo di linee e segni (...) senza ausilio di righe, squadre o altri strumenti*”, é “*ideare nelle linee essenziali, abbozzare nella mente*”, é “*avere in animo, proporsi*”, é “*indicare, designare*”. *Disegnare* é “*formare, raffigurare*”, é “*ideare nelle linee essenziali; abbozzare nella mente*”, é “*shema, abbozzo di un testo*”, é “*piano, propósito, intenzione*” (UTET Diffusione-Garzanti Linguistica).

“Um século mais tarde (final do século XVII)”, relata Artigas, “o Padre Bluteau registra no seu vocabulário português e latino: “*Dezenhar, dezenhar no pensamento, formar huma idéia, idear*”. “*Formam in animo designare*. “*Quais as igrejas que dezenhava no pensamento (Vida de Xavier de Lucena)*. Registrando também o significado técnico. “*Dezenhar no papel*”. “*Formam in animo designatum lineis describere-delineare...*” “*Que desenhasse a fortificação*” (Artigas 9-10, Derdyk 32).

Mais recentemente, já na primeira metade do século XX, o dicionário *Lello Universal* dava a palavra como “representação de objetos, de figuras, de paisagens etc., por meio de lápis, penna ou pincel... A arte, que ensina os processos do desenho (...) *Desenho de imitação*, aquelle que reproduz figuras, paisagens, decorações. *Desenho linear*, o desenho técnico, destinado especialmente á representação de decorações, objetos e machinas, concernentes à industria. *Desenho de ornato*, desenho de figuras de phantasia, florões, rosáceas, festões etc., que se empregam para ornar. *Desenho do natural*, desenho copiado d’um modelo vivo, uma paisagem real: uma folha, uma flor, um animal, um objecto. *Desenho livre ou de imaginação*, desenho executado sem régua nem compasso, deixando-se ao desenhista a máxima liberdade. *Desenho de modelo*, desenho representando um baixo relêvo, uma estatueta etc. *Desenho graphico*, desenho de cortes planos etc. applicado às sciencias exatas. *Desenho geométrico*, aquelle que reproduz as proporções geométricas d’um objecto. *Desenho ou esboço cotado*, genero de desenho no qual se representa um objecto tal como é na realidade, indicando as dimensões de todas as peças que o compõem, e o modo de as reunir, de maneira que o operário utilizando esse desenho, possa construir o objecto representado. *Desenho architectonico*, representação (segundo os processos do desenho linear) do plano, do corte e da elevação dum edifício (V. Perspectiva). Plano de um edifício. Ornatos ou figuras de estampagem. Disposição das partes de uma obra litteraria, musical etc. *As artes do desenho*, a architectura, a esculptura, a pintura, a gravura. *Mus. desenho melodico*, disposição geral de uma linha melódica no que diz respeito ao rythmo e à sucessão das modulações principaes etc. (V. Phrase). *Desus*. Plano, projecto...

Em meados desse mesmo século, o Caldas Aulette definia o verbete desenho como “*à representação dos objetos por meio de linhas e sombras: desenho linear, desenho de figura, a delineação dos contornos das figuras, como também disposição, ordenação geral de um quadro*. Desenho eram *figuras de ornato*, mas também *plano de um edifício*. Era *projeto, plano, desígnio* e trazia como exemplo mais uma citação que, encontramos, seria datada de 1651, em obra de Jacinto Freire de Andrade, ainda não mencionada aqui: “Sabendo D. João de Mascarenhas, por inteligências secretas, os **desenhos** de Coge Sofar, escreveu ao governador D. João de Castro os avisos que tinha”, citação que ilustra uso muito semelhante ao feito por D. João III, citado em Varnhagen e Artigas.

Hoje, 2007, segundo o Aurélio, *traçamos o desenho, delineamos, damos relevo a descrevemos, apresentamos caracterizando oralmente ou por escrito, tornamos perceptível, representamos, acusamos e também concebemos, projetamos, imaginamos, ideamos*. Segundo esse dicionário outras acepções se referem ainda tanto a “*traçar desenho(s), apresentar-se com os contornos bem definidos, ressaltar, ressaltar, avultar, destacar(-se), aparecer*, como em *representar-se ou reproduzir-se na mente*.

Segundo essa mesma fonte, desenho é “a representação de formas sobre uma superfície por meio de linhas, pontos, manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico” (talvez pudesse acrescentar comunicativo). Em segundo lugar, seria “*à arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, pena etc., um tema real ou imaginário expressando a forma e geralmente abandonando a cor*. Seria ainda *a versão preparatória de um desenho artístico ou de um quadro*”. Ou seja *esboço, estudo*. E também, *traçado, risco, projeto, plano e forma, feitio, configuração e delineamento, esboço, elaboração*, mas igualmente *intento, propósito*, e, finalmente, *desígnio*.

Não há, portanto, como separar, no uso, que fazemos em nossa língua, da palavra *desenho* do próprio ato de formar, eventualmente representar, figurar por meio da observação da realidade ou da imaginação, e, ainda, do ato de pensar, estudar, planejar, determinar, designar, o ato físico de riscar delinear, criar uma marca sobre uma superfície, ato que transporta, mesmo enquanto puro arabesco, rabisco ou caligrafia, um sentimento, um elemento anímico. Essa separação não é possível, em nossa língua, e em outras, tanto hoje como no passado, porque a natureza, a essência do ato de desenhar integra essas ações que as palavras e outros artifícios interdependentes de linguagem e pensamento procuram freqüentemente apartar.

Mesmo no caso do francês, para dar um último exemplo, que é a língua latina em que o verbete se tem apresentado mais impermeável às idéias de ideação e desígnio, são inúmeras as interligações lingüísticas que se estabelecem entre estes conceitos.

Em primeiro lugar, sabemos que até o final do século XVII, “em todos os discursos e tratados sobre o Belo e Pintura, encontramos a palavra desenho –*dessin* – grafada como *dessein* – desígnio, gerando uma forte ambigüidade semântica” (Mello)





Hoje, consultando uma fonte como o *Dictionnaire Universel Francophone* podemos encontrar entre as palavras que compõem a representação semântica de *dessiner* exemplos significativos tais como: *esquisser* em cujo conjunto de componentes conexos encontra-se projetar ; *figurer* que nos remete a indicar, modelar, préfigurar ; *former* com conceber, constituir, construir, fabricar, fazer, imaginar, produzir ; *indiquer*, cujos sinônimos abrangem definir, denotar, designar, determinar, explicar, expor, fazer conhecer, fazer saber, mostrar, revelar, sinalizar, significar, supor, testemunhar ; *matérialiser* com tornar visível, tornar sensível, esquematizar ; *montrer*, descobrir, descrever, demonstrar, desenvolver, exibir, explicar, fazer ver, instruir, deixar adivinhar, manifestar, marcar, colocar um fenômeno em evidência, oferecer, pintar, propor, apresentar, contar, relatar, reproduzir ; *représenter* que conota-se a simular, simbolizar, evocar.

Não é preciso dizer que muitas dessas palavras, as quais se procurou não reproduzir mais de uma vez, encontram-se presentes simultaneamente na relação dos componentes conexos dos termos citados, e em muitos outros não mencionados, reforçando e criando uma malha de significação em torno do conceito principal.

Pode-se dizer que se encontram representados, acima, apenas algumas das reais funções do desenho e, daquelas palavras que entraram na lista acima, não há uma sequer que não indique algum dos empregos desta atividade básica, estratégica, ancestral. No dizer de Artigas: “o conteúdo semântico da palavra *desenho* desvenda o que ela contém de trabalho humano acrisolado durante o nosso longo fazer histórico.”

Atividades como projetar, prefigurar, conceber, imaginar, definir, designar, determinar, explicar, fazer conhecer, fazer saber, significar, supor, testemunhar, tornar visível, tornar sensível, esquematizar, descobrir, demonstrar, explicar, fazer ver, instruir, colocar um fenômeno em evidência, relatar, simular, simbolizar, evocar, para nos referirmos apenas às mais conspícuas da última lista e que se encontram presentes na atividade de desenhar, em qualquer língua, são também sinônimas e componentes daquilo que, no espírito humano, se pode reconhecer como pensamento e como conhecimento.

## Referências bibliográficas



- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANDRADE, M. de. **Do desenho**. In: O DESENHO DE LAZAR SEGALL. São Paulo: Museu Lazar Segall, 1991.
- ALMOYNA, J. M. **Dicionário de Espanhol – Português**. Porto: Porto Editora, 1979.
- ARTIGAS, J. V. **O desenho, linguagem da arquitetura e da técnica**. Natal: [S.n.], 1984.
- AULETE, C. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958. V. 2.
- CORRÊA, R. A. **Dicionário escolar: Francês – Português, Português – Francês**. Rio de Janeiro, MEC, 1965.
- DERDIK, E. **Formas de pensar o desenho**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- DESIRE, DESIGNUM, DESIGN. European Academy of Design Conference, 4. 1995. Aveiro. Anais...
- DICTIONNAIRE Universel Francophone. Informação disponível na internet : <http://utile.autre.net/dicofra1f.html> [23 out. 2004 ]
- DIAZ, M. e outro. **Dicionário Santillana: Espanhol-português, português – espanhol**. São Paulo: Moderna, 2003.
- FERREIRA, A. B. De H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- GRAVE, J. Org. **Lello Universal em 4 volumes. Novo Dicionário Enciclopédico Luso - Brasileiro**. Porto: Livraria Lello, s/ d. V. II
- HOUAISS, A. Org. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Direção de A. Houaiss, São Paulo: Editora Objetiva, 2001. CD – ROM. Produzido por Editora Objetiva.
- GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.
- LARA, L. F. **Diccionario del español usual en México**. Ciudad de México, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004. El Colegio de México (COLMEX). Disponível na Internet: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/35716130101359941976613/index.htm> [12 Set. 2004]
- LE Petit Larousse Illustré. Paris: Librairie Larousse, 1982. V. 8.
- MOLINA, J. G. **Las lecciones del dibujo**. Madrid: Cátedra, 1999.
- MOTTA, F. **Desenho e emancipação** In: DESENHO INDUSTRIAL E COMUNICAÇÃO VISUAL. São Paulo : FAU-USP, 1970.
- MELLO, C. H.. **Design gráfico caso a caso**. São Paulo: ADG. The Open University Press. 2000.
- POLITO, A. G. **Michaelis Minidicionário Italiano**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.



PERSEUS Digital Library. Informação obtida na internet : <http://www.perseus.tufts.edu/>  
[25 Out. 2004 ]

SANTILLANA, G. de. **O papel da arte no Renascimento científico**. São Paulo : FAU-USP, 1981.

SOPENA, R. **Lexicón Sopena, Dicionario Portugues – español y español – portugues**. Barcelona: Editorial Sopena, 1976.

UTET DIFFUSIONE GARZANTI LINGUISTICA. Informação disponível na Internet:  
<http://www.portalitalia.com.br/dicionario/dicionario.asp> [20 Out. 2004]

BUTTERFIELD, J. **Collins English Dictionary**. London: Collins, 2003.

TORRINHA, F. **Dicionário Português – Latino**. Porto: Domingos Barreira, Editor, 1939.

WEBSTER'S Desk Dictionary. New Jersey: I. Gramercy Books II. Random House Dictionary, 1983.